

Breve perspectiva sobre António Vieira à luz da sua mundividência.

Celeste Natário¹
Universidade do Porto

A cultura portuguesa do séc. XVII tem em Vieira o grande exemplo de um homem que, tendo sido religioso, jesuíta, missionário, pregador, político, diplomata e exegeta bíblico, é por muitos considerado como o representante maior do “universalismo português”, não obstante a célebre caracterização de Fernando Pessoa, na sua *Mensagem*, de “imperador da língua portuguesa”. O seu universalismo está bem patente neste seu conhecido dito: “Para nascer, Portugal. Para morrer, todo o mundo.”.

Uma visão, mesmo que breve, do pensamento e vida do Padre António Vieira, por inteiro consagrada “ao serviço da Pátria, ao serviço de Deus e do homem”, pressupõe, antes de tudo o mais, que se efectue um curto percurso pelo séc. XVII, pois é a partir dessa mundividência que tudo o que Vieira fez e pensou pode ser compreendido.

O séc. XVII foi um século de grandes contradições, de incertezas e profundas dúvidas, um século que ao mesmo tempo reflecte um mundo de sombra e de luz, em revolução social, política e científica – refiram-se,

¹ Docente da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, tendo publicado: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (1997); *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (2005); *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos séculos XIX e XX* (2008); *Itinerários do Pensamento Filosófico Português: da Origem da Nacionalidade do Século XVIII* (2010); *Pascoaes: Saudade, Física e Metafísica* (2010). Tem organizado múltiplos encontros científicos. Coordena o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto).

sobretudo, os extraordinários progressos que tiveram como base Galileu Galilei, Isaac Newton e René Descartes –, assim antecipando “um mundo novo”, em que uma nova ordem procura instaurar-se e em que a ordem anterior procura resistir – tal como acontece, fatalmente, em todos os períodos revolucionários.

Se, no campo das artes e das letras, há a salientar o florescimento do barroco, sobretudo em Itália, Espanha e Portugal, de que o Padre António Vieira virá a ser reconhecido como um dos maiores intérpretes, no campo da política assiste-se à ampliação do poder dos reis, chegando ao extremo do “absolutismo”, ao mesmo tempo que as teorias de Francisco Suarez (um jesuíta tal como António Vieira) e de John Locke nos propõem uma diferente e oposta concepção, valorizando o papel do povo em detrimento da tese da proveniência directa do poder de Deus.

Na literatura, sobressaem ideias de vida fugaz como o sonho, ideias de perda, de morte e de amor, e de predestinação. No grande palco do mundo e no teatro da vida, novas encenações, novas comédias, novas estéticas onde parece haver lugar para todos, para místicos e libertinos reis “absolutos” e menos absolutos ou mais excêntricos.

Ainda no que respeita ao campo da política, importa referir que em Portugal o séc. XVII se inicia ainda sob o domínio filipino, só quebrado em 1640, com a reconquista da independência, após a qual assume o poder D. João IV.

Esta situação, que influenciou toda a cultura seiscentista, vai também influenciar decisivamente o pensamento e a obra de Vieira, que, desde bem jovem ainda, deixa transparecer invulgares dotes políticos, desde logo ao nível do discurso, que de modo engenhoso e hábil soube usar de forma pública.

A sua excepcional cultura, bem como o seu conhecimento de várias línguas, permitiram a este missionário infatigável o exercício de um magistério onde, a seu modo, desenvolve importante forma de poder: o da palavra.

Efectivamente, os seus *Sermões*, além de evidenciarem os seus propósitos de homem ao serviço de Deus, evidenciam simultaneamente qualidade de inequívoca natureza política. As lutas a que se propôs com vista à “libertação do mal” implicavam profundas mudanças de mentalidade. Vendo na liberdade o valor maior, foi por ela que se bateu, mesmo antecipando os “castigos” que, por isso, iria sofrer.

Defendendo os índios, os escravos, os judeus e os cristãos-novos, verberando injustiças e preconizando a mudança, Vieira ousou opor-se à repressão com o saber e o sentir dos mais elevados valores do humano.

No contexto adverso do tempo em que viveu, as “mudanças”, as “novidades”, ainda que desejadas por muitos, nem por isso deixavam de ser perigosas para aqueles que por elas se batiam. Nessa adversidade, moldou Vieira o seu carácter.

Eis, de resto, o que aconteceu não apenas com a sua acção política mas, igualmente, com o seu pensamento mais especulativo – também este foi tido como subversivo (justamente, aliás) e, por isso, combatido.

Vieira, contudo, nunca desistiu. Movido pelo amor a Deus e ao próximo, o pensamento e a acção do ilustre jesuíta acaba mesmo por ser precursor, exactamente pela ousadia das transgressões que empreendeu, pela sua excedência dos limites que o tempo estabelecia para o conhecimento e para o saber, limites esses que denunciavam como “herético” tudo o que levemente pusesse em causa os ditames do poder.

Contra esses limites, Vieira apontou para um “novo mundo”, para outros horizontes, que escapavam à *verticalidade* aceite pelo poder, horizontes de futuro, de um futuro mais humano e mais justo, por via da assunção redentora do mundo por Cristo.

O ideal pregador e de missão deste jesuíta, missionário da palavra, tem em S. Paulo e Sto. Inácio de Loyola uma fonte de grande inspiração, no sentido da fazer da vida um exercício de salvação do próximo. Tudo isto sob a unificação e comunhão eclesial, princípio em que sempre acreditou e que se constitui como um dos eixos maiores da sua acção, em conformidade com o tema profético invocado no seu “Sermão do Espírito Santo”², de “um só rebanho, um só pastor”.

² *Sermões*, prefaciados e revistos por Gonçalo Alves, 15 vols., Porto, Lello, 3, pp. 392-414.

Nos labirintos do seiscentismo, uma das dimensões de maior relevância situa-se no âmbito da escatologia, onde os contornos da espiritualidade assumem particular proeminência, aqui singularmente se destacando o nosso autor, cuja exigência de Verdade do espírito e do pensamento o levaram por caminhos longínquos, nomeadamente com a ideia de Quinto Império, porventura a problemática que mais o preocupou, como é visível na sua obra *História do Futuro*³, ainda que se trate de uma obra incompleta.

Do *Génesis* ao *Apocalipse*, entre a Queda e a Redenção, procura Vieira “o sentido total e unitário da história dos homens e do mundo”. O tema do “Quinto Império” aparece como corolário desse “sentido total e unitário da história dos homens e do mundo”, fruto da justiça divina e da graça redentora, pela deificação de todo o existente, pela “plenificação da História”, na interpretação de Paulo Borges⁴.

Foi, essa, aliás, a grande heresia que o levou ao *Tribunal do Santo Ofício*, perante o qual, na sua defesa, expôs o essencial do seu pensamento

³ De 1718 (1ª edição). A esse respeito, ver ainda a obra, mais recentemente publicada, *Chave dos Profetas* (fixação do texto, trad., notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, BN, 2001, livro III), na qual António Vieira transcende a centração “lusitanista” da sua prefiguração do “Quinto Império”.

⁴ Título, aliás, da sua dissertação de Mestrado, entretanto publicada: *A Plenificação da História em Padre António Vieira – estudo sobre a ideia de Quinto Império na “Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício”*, Lisboa, IN-CM, 1995.

religioso⁵. Partindo do princípio de que “Deus é tudo em todas as coisas”, Vieira encontra aí um sentido de unidade, santidade e perfeição comum ao mais terreal e ao mais universal. O seu pensamento religioso inspira-se numa visão profética em que a fé e a esperança se apresentam como as duas maiores marcas, mas em que também a razão e a experiência ocupam lugar. É que, inspirado em Santo Inácio de Loyola, Vieira procurou unir contemplação e acção. Activo na contemplação e contemplativo na acção⁶, Vieira empreendeu uma caminhada difícil de igualar.

Mesmo perante todas as adversidades, Vieira não sucumbe nem renega a sua Fé, antes prossegue a sua caminhada, aprofundando a sua singular visão profética.

Temperando o aristotelismo e o naturalismo que a escola lhe ensinara com a sua cada vez maior experiência do mundo, podemos, pois dizer que a escolástica tardia aprendida em Salvador da Baía, no Brasil, nas Escolas da Companhia de Jesus, foi a base da sua formação, a que a Escola da Vida muito mais acrescentou. De resto, Vieira não alicerçou apenas as suas concepções teológicas e exegéticas nos textos canónicos, também aqui demonstrando o quão importante era para si a liberdade.

Quanto à sua visão escatológica, não obstante o seu messianismo, corrente na época, ela assume em Vieira um “pragmatismo” imediato, na

⁵ Cf. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, introd. de Hernâni Cidade, Baía, Livraria Progresso Editora, 1957, 2 vols.

⁶ Cf. “Prefácio” de José Carlos B. Aleixo, S.J., in *História do Futuro*, Brasília, Fund. Universidade de Brasília, 2005, p. 30.

tradução do sebastianismo que a seu modo interpreta, transformando-o na ideia do regresso de um Rei, D. João IV, que uma outra vida viveria, a ele incumbindo o futuro que profetizava, consubstanciado num Império que tinha por base uma imensa esperança num Portugal que, embora não fosse ainda, viria a ser...

Na sua visão de missionário do futuro, que o levou a escrever que “o tempo do meyo dia de Christo e do mundo é este tempo futuro em que fallamos”⁷, imbuído de uma visão ecuménica de paz e de justiça, Vieira encontrou na figura de Cristo o elo de união entre os diferentes tempos: passado, presente e futuro. Daí, também, a sua visão de Portugal, enquanto mediador na construção desse caminho de paz e de harmonia em que acreditou, numa visão antecipadora, para muitos utópica, visão do nosso mais alto destino, do nosso destino mais universal, visão que, por isso mesmo, merece lugar de destaque na nossa tradição cultural e filosófica, tanto mais porque, prova da sua fecundidade, ela foi depois retomada por outros – nomeadamente, por Fernando Pessoa e Agostinho da Silva.

⁷ Cf. *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, ed. cit., vol. I, p. 328.

Fontes:

- *Obras Escolhidas*, prefácios e notas de António Sérgio e Hernâni Cidade, 12 vols., Sá da Costa
- *Sermões*, prefaciados e revistos por Gonçalo Alves, 15 vols., Porto, Lello.
- *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, 2 vols., introdução e notas do Prof. Hernâni Cidade, Baía, Liv. Progresso Editora, 1957
- *Livro Antepreimeiro da História do Futuro*, ed. crítica de José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983
- *Apologia das coisas profetizadas*, org. e fix. do texto de Adma Fadul Muhana, Lisboa, Cotovia, 1994, XXXI+315 pp.
- *Cartas*, coord. e anotação de J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, IN-CM, 1997, 3 vols., XVI+584/ XVI+692/ XVIII+832 pp.
- *Chave dos Profetas* (ed. bilingue), fixação do texto, trad., notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, BN, 2000, livro III, 790 pp.
- *Chave dos Profetas*, fixação do texto, trad., notas e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, BN, 2001, livro III, 240 pp.
- *História do Futuro*, introd., actualização do texto e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, IN-CM, 1992 (2ª), 384 pp.

Resumo:

A cultura portuguesa do séc. XVII tem em Vieira o grande exemplo de um homem que, tendo sido religioso, jesuíta, missionário, pregador, político, diplomata e exegeta bíblico, é por muitos considerado como o representante maior do “universalismo português”, não obstante a célebre caracterização de Fernando Pessoa, na sua *Mensagem*, de “imperador da língua portuguesa”. O seu universalismo está bem patente neste seu conhecido dito: “Para nascer, Portugal. Para morrer, todo o mundo.”.

Palavras-chave: António Vieira, munvidência, utopia

Nota de apresentação:

Celeste Natário é Professora na Faculdade de Letras da Universidade do Porto – onde, desde 1998, tem leccionado a cadeira de “Filosofia em Portugal” do Curso de Licenciatura em Filosofia, para além de Seminários de Pós-Graduação, Mestrado e Doutoramento.

Enquanto investigadora, tem-se dedicado, em particular, à filosofia e cultura portuguesas, com diversas obras publicadas: *O Pensamento Dialéctico de Leonardo Coimbra: reflexão sobre o seu valor antropológico* (Edições do Tâmega, 1997); *O Pensamento Filosófico de Raul Proença* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005); *Entre Filosofia e Cultura: percursos pelo pensamento filosófico-poético português nos*

séculos XIX e XX (Zéfiro Ed., 2008). Tem igualmente organizado múltiplos encontros científicos. Coordena ainda o projecto de investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, que congrega alguns dos mais relevantes investigadores desta área, e integra a Direcção da NOVA ÁGUIA: REVISTA DE CULTURA PARA O SÉCULO XXI.